

AS MULHERES TRAFICANTES: ENTRE AS MEMÓRIAS DE SUBMISSÃO E DE RESISTÊNCIA?

CURCIO, Fernanda Santos

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social - UNIRIO
nanda_fsc@hotmail.com

FACEIRA, Lobélia da Silva

Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social - UNIRIO
lobelia.faceira@unirio.br

RESUMO

O trabalho tem o objetivo de problematizar o fenômeno da inserção da mulher no tráfico de drogas por meio das contribuições da *memória social*, considerando esta como um campo interdisciplinar que possibilita as investigações e a construção de um conhecimento sobre as relações de poder, a influência da transmissão de valores, culturas e modos de ser nas experiências e comportamentos dos sujeitos sociais. Como metodologia utilizada, além de pesquisa bibliográfica de autores e obras que auxiliassem na construção do conhecimento sobre o referido objeto, apresenta-se uma análise discursiva de entrevistas qualitativas com cinco mulheres que foram presas por tráfico de drogas e atualmente são atendidas como egressas do sistema penitenciário, pelo Patronato Magarinos Torres-Anexo Campos.

Palavras-chave: Mulher. Tráfico de Drogas. Memória.

ABSTRACT

The work aims to discuss women's integration phenomenon in drug trafficking through the contributions of social memory, considering this as an interdisciplinary field that enables investigations and the construction of knowledge about the relations of power, the influence of transmission of values, cultures and ways of being in the experiences and behavior of social subjects. As the methodology used, and literature of authors and works that would help in the construction of knowledge on the said object, presents a discourse analysis of qualitative interviews with five women who were arrested for drug trafficking and are currently served as graduates of the system prison, the Patronato Magarinos Torres-Anexo Campos.

Keywords: Woman. Drug Trafficking. Memory.

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas o posicionamento das mulheres no *socius* têm recebido maior atenção, tanto da mídia, quanto do meio intelectual. Fenômenos como o aumento de sua participação no setor produtivo, expressivo crescimento de mulheres enquanto responsáveis pelo sustento familiar, autonomia financeira, expansão de sua participação política, entre outros, têm demonstrado que não foram poucas mudanças que estão se emergindo e transformando o posicionamento e a representação das mulheres na sociedade.

Não obstante, diante deste espaço em constante metamorfose, eis que surge também a gradativa presença das mulheres em atos criminosos, principalmente, no tráfico de drogas. Dados do DEPEN, segundo os últimos números de junho de 2014, indicam o crescimento em torno de 567% no encarceramento feminino no Brasil entre os anos de 2000 a 2014, taxa esta consideravelmente superior que a do encarceramento masculino no mesmo período, que é de aproximadamente 220%.

Como metodologia utilizada, além de pesquisa bibliográfica de autores e obras que auxiliassem na construção do conhecimento sobre o referido objeto, apresenta-se uma análise discursiva de entrevistas qualitativas com cinco mulheres que foram presas por tráfico de drogas e atualmente são atendidas como egressas do sistema penitenciário, pelo Patronato Magarinos Torres-Anexo Campos.

No cenário atual, o comércio ilícito de entorpecentes é o crime que mais prende mulheres em âmbito nacional. Seria uma forma de manter o sustento do lar e família? Envolvimento amoroso? Participar do mundo do consumo? Utilização do poder? Ou uma maneira de custear o seu uso de drogas?

AS MEMÓRIAS DAS MULHERES TRAFICANTES

Para entender o motivo do envolvimento destas mulheres com o tráfico de drogas, realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo com cinco egressas atendidas pelo Patronato Magarinos Torres-Anexo Campos, após as autorizações da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária, da Vara de Execuções Penais do Estado do Rio de Janeiro e pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. A escolha das entrevistadas obedeceu a ordem de comparecimento das usuárias que foram presas por tráfico de drogas à referida instituição durante o mês de maio de 2015.

Ao serem indagadas sobre os motivos que as levaram a praticar a venda de drogas, surgem duas categorias principais. A primeira é composta por três mulheres que relacionam a prática deste ato ilícito a um envolvimento amoroso. Elas não descartam outros determinantes, como dificuldades financeiras ou poder, mas, a relação do companheiro e a sua entrada no tráfico é preponderante, como se observa nas declarações a seguir:

Acabei descobrindo que ele traficava, fiquei com muito medo, tanto por mim, quanto por ele... de acontecer alguma coisa com ele. Aí, ele

um dia precisou ir buscar a droga na comunidade para deixar com uma outra pessoa, e eu, com medo de deixar ele sozinho, acabei indo com ele. [...] eu realmente amava ele [...]. Nós fomos de moto, aí no meio do caminho a polícia parou a gente e achou a droga (ENTREVISTADA 4).

O meu companheiro era envolvido com o tráfico de drogas e um dia ele precisava levar drogas para um determinado lugar, só que ele não podia, porque a polícia já estava vigiando ele. Então ele pediu que eu fizesse isso. Eu fiquei com medo, mas acabei fazendo. Eu amava muito ele. Ele era muito importante pra mim. Ele ficava falando que se eu gostasse dele de verdade eu faria isso por ele (ENTREVISTADA 3).

Manifesta-se nos dois discursos o comprometimento destas mulheres em relação aos seus companheiros, que as levaram a praticar um delito em nome do relacionamento amoroso. O amor, sentimento este que move as interações sociais, detém grande importância nas relações de intimidade. Muitos autores têm se dedicado a discutir este tema, percebendo que o discurso amoroso pode e funciona como dispositivo de poder. Luhmann (1991) caracterizou o amor como um fenômeno histórico, que só se realiza diante da incorporação de um código social partilhado pelo sujeito em interação com o outro.

Nesse sentido, o amor compõem a ação e estrutura social, contribuindo na criação de novas relações sociais. Beall e Sternberg (1995), além de o apontarem como um produto social, percebem que o amor não se manifesta como uma experiência universal, ou como uma realidade objetiva, homogênea e irreversível, mas que sofre interferências culturais e temporais.

Hatfield (1988) esclarece que homens e mulheres, enquanto seres sociais, internalizam códigos e discursos a respeito do amor, e isso, acaba por influenciar as vivências do amor. Este processo de institucionalização, a partir da memória, subordina a forma como se entende as próprias experiências amorosas. Partindo da afirmação de Gondar (2003), que a memória é um instrumento de poder, capaz de manipular um entendimento objetivo sobre a realidade, as memórias do amor, de como ele é vivido e como deve ser experimentado nas relações afetivas, não só controlam o curso dessas relações, mas também, mantêm e reproduzem as assimetrias entre os sexos, transversais à vida social.

Neves (2007) salienta que continuamente o amor é classificado como feminino, sendo percebido e tratado como sentimento e preocupação das mulheres.

Os ideais do amor mesmo influenciando homens e mulheres, afetaram mais estas últimas:

O masculino é sinónimo de autoridade, de poder, de controlo e de eficácia e o feminino é sinónimo de vulnerabilidade, sensibilidade, subordinação e dependência, criando uma cultura de direitos e de deveres assente nas diferenças sexuais e fomentando a proliferação de discursos gende-rizados (NEVES, 2007, p. 622).

Uma entrevistada confirma este fato, dando a seguinte declaração: “A gente é educada desde cedo a ser boa mãe, boa dona de casa, de ser respeitadora, boa... de buscar agradar o marido, de ter aceitação dele” (ENTREVISTADA 2). Aquilo que é lembrado ou esquecido ao longo da história não é eterno e natural, mas sim uma práxis de eternização que se dá através das instituições. Os homens e as mulheres, pertencentes aos grupos sociais, conscientemente ou não reafirmam os valores apreendidos e os retransa às gerações futuras.

Bourdieu (2002) fundamentando a sua teoria sobre a dominação masculina questiona se:

Seria o amor uma exceção, a única, mas de primeira grandeza, à lei da dominação masculina, uma suspensão da violência simbólica, ou a forma suprema, porque a mais sutil e a mais invisível, desta violência? (2002, p. 128).

Para o autor, a representação romântica não é imune de racionalidade forçada e produzida por determinadas condições de existência. A dominação masculina, neste sentido, encontra-se incrustada nas ações, sentidos e discursos, legitimando um amor desequilibrado entre homens e mulheres. Os efeitos desta dominação estão gravados – ou, melhor dizendo, memorizados – no mais íntimos dos corpos, num trabalho histórico de eternização.

Cancian (1986) aponta para a existência de um conjunto de expectativas e formatações que se submetem à lógica binária do gênero, onde cabe ao homem o amor instrumental, baseado no provimento material da família, e o amor expressivo para as mulheres, que se tornam responsáveis pela gestão do sentimento. Para Cancian (1986) o surgimento da *feminização do amor* trouxe muitos aspectos negativos, como por exemplo, o empoderamento masculino, a partir do momento em que se reforça a dependência feminina no amor.

É notável que isto, na atualidade, vem sendo obscurecido, diante de fenômenos referentes à mulher, como a sua grande inserção no mercado de trabalho, autonomia financeira e aumento de sua participação como chefe de família. Porém, as práticas de sujeição são ainda uma realidade, sendo formadas a partir de valores ideológicos, que constituem os papéis da mulher e do homem, em suas relações para com o mundo e em suas relações de afeto.

A segunda categoria, também composta por uma mulher, percebe no comércio ilícito de entorpecentes uma possibilidade de aquisição de poder, vaidade e respeito, como se percebe na declaração a seguir:

Eu namorava um homem que era traficante, acabei tendo uma filha com ele. Mas eu não me envolvia nesse *lance* (tráfico de drogas). Nós rompemos. [...] ele era o tipo de pessoa que adorava ficar contando vantagem, que era o *fodão*, era *mulherengo* [...] Não aguentei mais isso. Como já conhecia mais ou menos o trabalho que ele fazia e as pessoas, acabei entrando no tráfico para disputar com ele, e como eu me acostumei, me viciiei com a ostentação, né, quando a gente *tava* junto, acabei traficando. Eu não passava dificuldade dentro de casa, o meu pai sempre me ajudou muito. Comecei a disputar com ele, disputar os clientes. Queria mostrar que eu era melhor que ele, e que não precisava dele para ter dinheiro, que eu não precisava dele pra nada (ENTREVISTADA 5).

As relações e as instituições que compõem a sociedade são espaços construídos e reproduzidos de relações de poder, segregação e preconceito. Barcinski (2009) esclarece que diversos fatores favorecem na inserção das mulheres no tráfico, destacando alguns como: as precárias oportunidades de trabalho formal, a alternativa de pertencer a uma forte rede de sociabilidade e o anseio de conquistar poder e status, numa cultura fortemente masculinizada. Negar esses fatos, para a autora, só faz naturalizar e afirmar a ideia estereotipada de que as mulheres são frágeis e sensíveis:

Envolvidas em uma atividade masculina, em que o poder reconhecidamente pertence aos homens, podemos supor que o poder experimentado por essas poucas mulheres traficantes adquira ainda mais relevância. [...] ser mulher envolvida no tráfico distancia as participantes de outras mulheres ao seu redor, fazendo com que elas experimentem o poder outrora somente experimentados por homens (BARCINSKI, 2009, p. 1847).

Acreditar na incapacidade das mulheres em cometer crimes é ratificar e naturalizar o estereótipo de fragilidade e docilidade que entoam a figura feminina. O aumento da participação de mulheres em atos criminosos é um fato, e tal realidade indica a heterogeneidade dessas criativas inserções e de modos de subjetivação que, inventam, resistivamente, um “caleidoscópio de contradições” (FRIEDMAN, 1998).

Contudo, esta realidade, longe de resistir a uma organização social extremamente machista e sexista, contribui para a normatização do poder. Então, compreendendo que certos crimes praticados por mulheres elucidam melhor os paradoxos de uma sociedade e seus conflitos, e que o tráfico, num primeiro momento, funciona para algumas mulheres como uma possibilidade de romperem com as contradições e jogos de poder a que estão submetidas, posteriormente, ele urge como um campo de reprodução da dominação e subjugação. Esta dinâmica, longe de promover a liberdade, nos ensejos de resistências, trará duras consequências para a vida dessas mulheres, como a prisão ou até mesmo a morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias *genderizadas* referentes à intimidade e ao amor possuem resistentes consequências nas relações sociais, na medida em que apresenta o desnivelamento de poder e de papéis. O amor, antes de promover a consagração do afeto entre as pessoas, urge como uma memorização de relações de poder arbitrariamente desiguais entre homens e mulheres, repercutindo peremptoriamente na vida social, e, conseqüentemente, no tráfico de drogas.

A busca pelo poder também é um fato que percorre o comércio ilícito das drogas. Algumas mulheres declaram que começaram a vender drogas para adquirir dinheiro, poder e respeito numa sociedade profundamente masculinizada. O tráfico as faziam experimentar posições e papéis nunca antes ocupados, e, ao verem sendo desempenhado normalmente por homens, as despertava cobiça.

Como se sabe, o poder é uma trama e se constitui nas relações sociais, no qual ora alguns sujeitos o exercem, ora se submetem a ele. No comércio ilícito das drogas, estas mulheres, pobres, com baixa escolaridade, sem muitas perspectivas de ascender à vida social, percebem no tráfico um trabalho que promove a

participação no mundo do consumo, gera certo status social e o reconhecimento pela atividade que desempenham. Neste espaço, essas mulheres têm a capacidade de personificar um papel socialmente privilegiado e atrativo de uma identidade masculina forte, dominadora e provedora.

Contudo, mesmo que o ato de traficar apareça, num primeiro momento como uma estratégia de resistência a condição de submissão e docilidade impostas às mulheres nas suas relações para com o mundo e nas suas relações de afeto, na verdade tal objeção não rompe com as oposições e opressões a que são submetidas. O que se manifesta é outro tipo de circuito de correlações de forças que reiteram uma memória de dominação e desigualdade que vem marcando as relações de homens e mulheres ao longo da história.

REFERÊNCIAS

BARCINSKI, M. Centralidade de gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede de tráfico de drogas. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 14, n. 5, 2009.

BEALL, A.; STERNBERG, R. The social construction of love. **Journal of Social and Personal Relationships**, n. 12, p. 417-438, 1995.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Infopen**. 2015. Disponível em: <<http://www.infopen.gov.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

CANCIAN, F. The feminization of love: signs. **Journal of Women in Culture and Society**, v. 2, n. 4, p. 693, 1986.

CURCIO, F. **Mulher e tráfico de drogas**: inclusão perversa. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Serviço Social)–Departamento de Serviço Social de Campos, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2013.

HATFIELD, E. Passionate and companionate love. In: STERNBERG, R.; BARNES, M. (Eds.). **The psychology of love**. New Haven: Yale University, 1988. p.191-217.

LUHMAN, N. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Lisboa: Difel, 1991.

NEVES, A. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 609-627, set./dez. 2007.